

LUÍS DE STTAU MONTEIRO

felizmente há luar!

teatro

JORNAL DO FÔRO

1961

LUÍS DE SITTAU MONTEIRO

U110701625



felizmente há luar!

teatro



JORNAL DO FÔRO

1961

PERSONAGENS

MANUEL — *O mais consciente dos populares*

RITA — *A mulher de Manuel*

ANTIGO SOLDADO — *Um antigo soldado do regimento de Gomes Freire*

VICENTE — *Um provocador em vias de promoção*

DOIS POLÍCIAS — *Iguais a todos os polícias*

VÁRIOS POPULARES — *O pano de fundo permanente*

D. MIGUEL FORJAZ

BERESFORD

PRINCIPAL SOUSA

MORAIS SARMENTO

ANDRADE CORVO

} *Três conscienciosos governadores do reino*

} *Dois denunciantes que honraram a classe*

FREI DIOGO DE MELO — *Um homem sério que destoaria nesta peça se nela não figurassem, também,*

ANTÓNIO DE SOUSA FALCÃO — *O inseparável amigo e*

MATILDE DE MELO — *A companheira de todas as horas de*

O GENERAL GOMES FREIRE D'ANDRADE — *que está sempre presente embora nunca apareça.*

HOLYOAKE (*Making an effort*) — I have injured no man's reputation, taken no man's property, attacked no man's person, violated no oath, taught no immorality. I was asked a question and answered it openly. I should feel myself degraded if I descended to finding out if my convictions suited every man in the audience before I uttered them. What is the morality of a law which prohibits the free publication of an opinion?

ERSKINE — You must have heard me state the law that if it be done temperately and decently, all men are at liberty to state opinions.

HOLYOAKE — Then liberty is a mockery. The word temperate means what those in authority think proper.

ERSKINE — An honest man speaking his opinions decently is entitled to do so.

HOLYOAKE — It must be already clear to you, gentlemen of the jury, that I am here for having been more honest than the law happens to allow. What is this temperate? What is intemperate? Invective, sarcasm, p...

ALEXANDER — Personality.

HOLYOAKE — Thank you, Mr. Alexander.

ALEXANDER — Pleasure.

HOLYOAKE — ...and the like. But these weapons are denied only to those who attack the prevailing opinion.

JOHN OSBORNE
A subject of scandal and concern

ACTO I

Ao abrir o pano a cena está às escuras, encontrando-se uma única personagem, intensamente iluminada, ao centro e à frente do palco. Esta personagem está andrajosamente vestida.

A pergunta é acompanhada dum gesto que revela a impotência da personagem perante o problema em causa. Este gesto é francamente «representado». O público tem de entender, logo de entrada, que tudo o que se vai passar no palco tem um significado preciso. Mais: que os gestos, as palavras e o cenário são apenas elementos duma linguagem a que tem de adaptar-se.

MANUEL

Que posso eu fazer? Sim: que posso eu fazer?

(Dá dois passos em direcção ao fundo do palco, detém-se, e continua):

Vê-se a gente livre dos franceses, e zás!, cai na mão dos ingleses!

E agora? Se acabamos com os ingleses ficamos na mão dos reis do Rossio...

Ao dizer isto a personagem está quase de costas para os espectadores. Esta posição é deliberada. Pretende-se criar, desde já, no público, a consciência de que ninguém, no decorrer desta peça, vai esboçar um gesto para o cativar ou para acamaradar com ele. (O réu não se senta ao lado dos juizes).

Muda de tom à voz. Está a imitar, com sarcasmo, alguém que se não sabe quem seja. Entende-se, todavia, que a personagem se refere ao ambiente político da época.

Volta ao seu tom de voz habitual.

A pergunta não é dirigida a ninguém.

Entre os três o diabo que escolha...

(Pausa)

Deus todo poderoso para a frente... Deus todo poderoso para trás... Sua Majestade para a esquerda... Sua Majestade para a direita...

(Pausa)

E enquanto eles andam para trás e para a frente, para a esquerda e para a direita, nós não passamos do mesmo sítio!

*Ilumina-se, súbitamente, o fundo do palco. De pé e sentadas, várias figuras populares conversam. Algumas dormem estendidas no chão. Uma velha, sentada num caixote, cata pio-
lhos a uma rapariga nova.*

*(Avança e detém-se junto
duma mulher ainda nova que
dorme, no chão, coberta por
uma saca.)*

MANUEL

A Rita dorme. A que horas chegou ela?

O gesto é lento, deliberadamente sarcástico.

1.º POPULAR

(Levantando-se dum salto e macaqueando as maneiras dum fidalgo, finge tirar um relógio do bolso dum colete inexistente):

Saiba meu senhor, que a senhora D. Rita chegou tarde.

Eram quase cinco horas pelo meu relógio de ouro.

(Finge levantar o relógio para o ver melhor.

Desfaz o gesto com violência e continua em tom raivosos).

Alguém aqui tem relógio?

(Como ninguém responde, volta a dirigir-se a Manuel.)

O tom é irónico.

Esqueceram-se dos relógios em casa...

MANUEL

Está bem. Está bem.

O primeiro popular volta a sentar-se.

Começa a ouvir-se, ao longe, o ruído de tambores.

Algumas personagens mostram certa agitação.

(Dá um safanão na rapariga, que se levanta com lentidão.)

São horas de nos irmos indo, mulher.

RITA

Já?

MANUEL

Lembra-te do que temos de andar.

(Ouve o som dos tambores.)

Que é isto?

(Todos se levantam e escutam a medo. Alguns pegam nos seus objectos pessoais—cestos, mantas esfarrapadas, uma abóbora, etc.—e preparam-se para fugir. Outros, parados, esperam que o som dos tambores indique a direcção da marcha das tropas. O ruído afasta-se. Ficam todos calados, indecisos.)

1.º POPULAR

Não vêm para cá.

O ANTIGO SOLDADO

Estas cantigas são inventadas
No regimento de Freire d'Andrade
São cantadas com o estilo
De lá ré ó liberdade.

1.º POPULAR

Onde aprendeu vossemecê isso?

O ANTIGO SOLDADO

Em Campo d'Ourique — já lá vão mais de 10
anos — quando eu era soldado no regimento de
Gomes Freire...

Aqui, onde me vêem já andei nas guerras...

RITA

Com o general?

O ANTIGO SOLDADO

Com o general, pois!

2.º POPULAR

Conte lá, homem...

Em tom de quem evoca o passado com saudade.

O grupo começa a prestar atenção ao diálogo.

3.º POPULAR

Em que guerra é que vossemecê andou?

UMA VELHA

E foi na guerra que aprendeu a cantar?

(O Antigo Soldado ri-se.)

Então onde foi, homem?

(Juntam-se todos à volta do Antigo Soldado que se destaca do grupo e avança para o proscénio seguido de todos.)

O ANTIGO SOLDADO

(Olha para o alto, tentando recordar-se.)

Ora deixem ver...

Uma noite, em Julho, os rapazes lá do quartel organizaram uma festa em honra da senhora da Piedade. Vocês haviam de ter visto aquilo... A rapaziada, fardada, no meio do povo...

E raparigas? Aquilo é que era...

(Dá um beliscão na cara de Rita.)

Onde aparecia o regimento de Gomes Freire
não faltavam raparigas!

UMA VOZ

E ele?

O ANTIGO SOLDADO

Ele?

OUTRA VOZ

O general, homem...

O ANTIGO SOLDADO

Um amigo do povo!

Um homem às direitas! Quem fez aquele não
fez outro igual...

MANUEL

Se ele quisesse...

(Silêncio)

VICENTE

Se ele quisesse? Mas se ele quisesse o quê? Vo-
cês ainda não estão fartos de generais?

Cornetas, tambores, tiros e mais tiros... Bestas!

Fala com entusiasmo. Vê-se
que Gomes Freire é o seu herói.

Este silêncio é pesado. Sen-
te-se. As personagens olham para
as mãos e para os lados. Foram
longe demais e sabem-no. Ainda
têm nos ouvidos o ruído dos
tambores, símbolo duma autori-
dade sempre presente e sempre
pronta a interferir.



Este livro acabou de imprimir-se
aos 27 de Dezembro de 1961 na
Gráfica Boa Nova, Limitada e dele
se tiraram 20 exemplares em
papel especial destinados a ofertas.